



Semente de Humbi, Série Humbiumbi, 2023

Foto: Flávio Freire

## ÀKÙKO, EIYÉLE E EKODIDÉ – UMA REVOADA DE ALBERTO PITTA

*Alberto Pitta tem recebido, no Brasil e no exterior, um crescente reconhecimento de sua produção. Participa da 36ª Bienal de São Paulo e apresenta, na Galeria Nara Roesler São Paulo, 24 trabalhos inéditos e recentes, em pintura e serigrafia sobre tela*

Uma das figuras centrais do Carnaval de Salvador, no qual atua há mais de 45 anos, o artista Alberto Pitta apresenta *“Àkùko, Eiyéle e Ekodidé – Uma revoada de Alberto Pitta”*, na Galeria Nara Roesler São Paulo, com 24 obras recentes e inéditas do artista, nascido em Salvador, em 1961. A exposição apresenta pinturas e serigrafias sobre tela e um carrinho de cafezinho, em madeira; numa vitrine estão expostos desenhos sobre papel, de várias épocas, que mostram seu processo criativo.

Em comemoração à mostra foi lançado o livro *“Alberto Pitta”* (Nara Roesler Books, 2025), em edição bilíngue (português/inglês), com 152 páginas, no formato de 17,5 x 24,5 cm e capa dura com serigrafia. O texto é assinado por Galciani Neves, curadora da mostra. A edição inclui ainda uma entrevista concedida pelo artista a Jareh Das, curadora que vive entre a África Ocidental e o Reino Unido. A introdução é de Vik Muniz, amigo do artista desde que ambos participaram da exposição *“A Quietude da Terra: vida cotidiana, arte contemporânea e projeto axé”*, com curadoria de France Morin, no Museu de Arte Moderna da Bahia, em 2000.

### HISTÓRIAS PRIMORDIAIS

A curadora observa que, nos trabalhos de Alberto Pitta, *“as formulações espirituais são traduções visuais que apresentam as divindades, os orixás e seus ensinamentos. Um compêndio de símbolos reinterpretados pelo artista prima pela beleza das formas. As histórias primordiais contadas nas telas identificam as figuras que, no passado mítico, participaram dos acontecimentos – e que, no agora, ocorrem como chaves de decifração oracular da vida. Sua produção envolve um ver como artista que rima com aprender sobre a vida”*.



Foto: Divulgação

Alberto Pitta foi criado entre panos e tecidos trabalhados por sua mãe, a ialorixá Anísia da Rocha Pitta e Silva, conhecida como Santinha de Oyá, do Ilê Axé Oyá, costureira e bordadeira do elaborado em ponto richelieu, além de educadora. Desde cedo o artista compreendeu a importância das vestimentas como ferramentas de transmissão das cosmovisões africanas – uma forma de inserir o homem na natureza e colocá-lo em contato com seus ancestrais.

Na entrevista dada a Jareh Das – co-curadora da mostra *“Catch the Invisible” (Capturar o invisível)* na Galerie Atiss, em Dacar, no ano passado, em que Pitta fez a escultura monumental *“O barco do assentamento”* – o artista conta que a serigrafia *“permite a produção em grande escala, embora ainda artesanal”*.

*– Tenho um acervo de mais de duzentas matrizes serigráficas, desenvolvidas ao longo de mais de 45 anos. Em minhas obras, faço sobreposições de diversas estampas e cores, criando diferentes composições com resultados ímpares e quase infinitos. Quando Bonaventure (Soh Bejeng Ndikung, curador da 36ª Bienal de São Paulo) esteve aqui em meu ateliê, em 2024, e viu todas as matrizes enfileiradas, chamou-as de “biblioteca”. Nunca tinha pensado nelas assim, mas faz muito sentido.*



*Olodum:  
Tropicalismo,  
o movimento,  
1994*

Foto: Reprodução /  
Livro Alberto Pitta /  
Flávio Freire

Galciani Neves aponta o “senso de coletividade” existente no ambiente no qual Alberto Pitta vive como elemento fundamental no trabalho do artista. – *Localizado no bairro do Pirajá, em Salvador, o ateliê de Pitta habita o mesmo espaço do Instituto Oyá, fundado por Mãe Santinha de Oyá em 1990* – relata. – *O Instituto nasceu com vocação educativa; oferece programação de arte-educação e aulas de reforço escolar para as crianças da vizinhança.*

– *Pitta pensa com arte desde sua raiz, como uma espécie de pedagogia da alegria* – diz Galciani Neves – *Articula sua produção de maneira indissociável de toda essa multiplicidade de atividades, linguagens e instâncias vitais, por conviver com as pessoas que frequentam e usufruem da programação oferecida ou que participam de seus projetos; age com rigor e com uma escuta muito sensível aos processos de experimentação poética* - avalia.

### ÀKÙKO, EiyÉLE E EKODIDÉ

A curadora destaca que Àkùko, Eiyéle e Ekodidé, os pás-

saros da tradição yorubá, que se apresentam como seres divinos, se espalham a partir de uma organização cromática do espaço da galeria Nara Roesler. – *Eles habitam a primeira série de trabalhos, na qual predominam composições em preto, branco, vermelho e amarelo, como se dessem boas-vindas ao público; em seguida explodem em cores vibrantes e composições multicoloridas, para encantar; e, por fim, acontecem na calmaria de telas brancas, onde distintos matizes de branco compõem o trabalho* – destaca.

– *Àkùko é frequentemente associado a um galo – o mensageiro do tempo, que anuncia o dia, explica a ancestralidade e afirma a continuidade da vida. Eiyéle é a pomba branca, que traz a paz, a harmonia e a bem-aventurança. Por sua elegância e plumagem, Eiyéle também simboliza honra e prosperidade. Ekodidé é a única pena vermelha de um pássaro ou o papagaio, um símbolo de proteção, vitalidade, realeza. Sua pena é um elemento natural e uma presença essencial nos rituais de iniciação, para afastar energias negativas e consagrar objetos* – conta Galciani Neves.



Revoada, 2025

Foto: Flávio Freire

## O MUSEU E A RUA

Segundo Vik Muniz, *“Pitta é protagonista e produto desse encantamento pleno de tradição, mas não vazio de liberdade. Sua pintura se alimenta diretamente da pesquisa e do trabalho com seus tecidos e eventos. Muito da nossa amizade de quase três décadas decorre desse importante discurso entre o museu e a rua. E, nessa equação, Pitta aparece sempre como a pecinha que faltava no quebra-cabeças do popular e do erudito”* – salienta o artista. – *O barracão de cerimônias do Ilê Axé Oyá foi desenhado por Lina Bo Bardi (1914-1992) e projetado e adaptado por Marcelo Suzuki, na época em que a arquiteta viveu na Bahia para fazer projetos no centro histórico da cidade* – explica.

## CARRINHOS DE CAFEZINHO

Na Nara Roesler São Paulo, Alberto Pitta mostra um carrinho de cafezinho feito em madeira, na forma de

um caminhão de brinquedo, em alusão aos “carrinhos de cafezinho”, muito comuns em Salvador, usados pelos vendedores ambulantes para vender café, normalmente já adoçado com açúcar, colocado em garrafas térmicas e servido em copos de plástico. Para a exposição *“A Quietude da Terra: vida cotidiana, arte contemporânea e projeto axé”*, em 2000, no Museu de Arte Moderna da Bahia, com curadoria de France Morin, Alberto Pitta desenvolveu um projeto inspirado no seu envolvimento duradouro com esses carrinhos de cafezinho desde os treze anos de idade, quando criou seu primeiro carrinho de cafezinho.

## SERVIÇO

***“Àkùko, Eiyéle e Ekodidé – Uma revoada de Alberto Pitta”***

Até 26 de outubro

Nara Roesler, São Paulo

Avenida Europa, 655, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2039-5454 | [info@nararoesler.art](mailto:info@nararoesler.art)

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábado, das 11h às 15h

<https://nararoesler.art/>

Entrada gratuita



*O grande pássaro, 2025*

Foto:  
Flávio Freire